

Bresser levará proposta de

Dívida Externa

sábado, 20/6/87 □ 1º caderno □ 15

conversão aos credores

Em menos de três meses, e com um ambicioso plano de conversão de dívida em investimentos, o ministro da Fazenda, Luiz Carlos Bresser Pereira, quer resolver a renegociação da dívida externa brasileira de 87 e 88. Ele pretende viajar em agosto para os Estados Unidos, onde poderá acertar com os credores privados os detalhes de uma proposta de negociação que já foi preparada por seus assessores.

Numa roda de empresários com os quais conversou durante um jantar em homenagem ao ex-Secretário de Estado americano, Henry Kissinger, no Rio, na quinta-feira à noite, o ministro da Fazenda mostrou-se bastante otimista quanto ao seu plano de conversão de dívida em investimento.

Bresser acha possível convencer os credores externos a converter, num primeiro momento, de 1 a 1,5 bilhão de dólares em investimento. Ele pretende limitar a possibilidade de conversão apenas aos juros (e não ao principal) da dívida, até um teto máximo de 7,3 bilhões de dólares.

Essa quantia equivale aos juros que o Brasil deixa de pagar em 1987 (4,3 bilhões de dólares) e à metade dos juros devidos para 1988. Os especialistas consideram bastante improvável que os credores possam converter tão depressa um volume tão alto, daí a esperança de Bresser de que num primeiro momento se obtenha apenas 1,5 bilhão de dólares.

O ministro continua falando em conseguir um total de 7 bilhões de dólares (4 bilhões de organismos multilaterais como FMI e Bird; 3 bilhões de bancos comerciais) em recursos de refinanciamento, apesar da manifesta disposição dos bancos em não conceder qualquer centavo em dinheiro novo (*fresh money*) para países altamente endividados. Este é, de qualquer maneira, o limite do pacote que ele quer negociar.

O papel de conversão como instrumento de obtenção de novos recursos aumenta na medida em que os bancos reduzem os créditos diretos. Bresser quer oferecer bônus de 12 anos de maturidade como instrumento de conversão. Desde abril, o governo brasileiro tem manifestado interesse em usar os juros acumulados no Banco Central, relativos a pagamentos suspensos, para o propósito de converter dívida em investimento.

Na sua recente negociação com os credores, as Filipinas introduziram em março deste ano *investment notes*, ou seja, títulos denominados em dólares, com prazo de maturação de seis anos e juros com taxa de risco (*spread*) acima da Libor (taxa do mercado inglês), que os bancos detentores podem optar em converter em pesos à sua disposição para aplicação em projetos de investimento previamente selecionados pelo governo local.

Se for semelhante ao esquema filipino, a proposta brasileira daria aos bancos a possibilidade de vender esses títulos no mercado internacional secundário, ou resgatá-los mais tarde em condições próximas às que obteriam se tivessem dado um crédito direto ao governo brasileiro. Bresser disse a empresários que espera boa receptividade do mercado internacional, o que permitirá diminuir o deságio exigido sobre títulos brasileiros dos atuais 37 centavos de dólares por cada dólar de dívida para 20 centavos.

Sem a diminuição do deságio, ou sem qualquer outro tipo de compensação oferecido pelo governo brasileiro, o banco estrangeiro dificilmente teria interesse em comprar os bônus utilizados para conversão de dívida em investimento. Uma discussão preliminar com os credores está a cargo do presidente do Banco Central, Fernando Milliet, que viaja ainda em julho para Nova Iorque.



Viviane Rocha

Henry Kissinger diz que solução é administrar dívida